

O EVANGELHO SEGUNDO DONA LAURICENA

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE UMA CRISTOLOGIA POPULAR

Geraldo Luiz De Mori

Refletir teologicamente sobre a inspiração de um texto teológico-poético-popular coletado na periferia de Belo Horizonte é a intenção do presente trabalho. "História de Jesus" foi o título que a autora deu ao texto. Sugestivamente se pode adiantar o resultado da reflexão, denominando-o de "Evangelho segundo Dona Lauricena".

Dona Lauricena, a autora, viveu toda sua vida no interior do município de Caratinga, MG. Morreu em 1989. Era analfabeta e, desde pequena, poetisa repentista popular. Conseguia fazer da vida, canção e poesia, e assim alegrava e animava a quantos dela se aproximavam. Possuidora de memória privilegiada e de inteligência criativa, elaborava histórias em forma de poesia. Seu falar poético-narrativo era também um fazer e agir, que ia de encontro a um universo parecido ao seu, recriando-o e reconstruindo-o pela palavra que se tornava forjadora de sentido. A poesia a ser analisada é uma das muitas que criou. Foi conservada graças aos cuidados de uma de suas filhas, que teve a idéia de gravar para que não se perdesse. Ouvir Dona Lauricena contar e criar histórias em verso, deve ter sido uma experiência marcante. Ela contava com uma espécie de unção sagrada, sobretudo a "História de Jesus".

Dona Lauricena viveu num tempo agora em extinção. O Brasil da roça e analfabeto era seu universo simbólico. Brasil pré-moderno, profundamente católico e marcado por uma religiosidade que permeava e estruturava toda a vida. Nesse mundo, os velhos tinham vez e voz.

Eram os transmissores autorizados da sabedoria de vida. A tradição era passada ininterruptamente de pais para filhos através do contar histórias. Por isso, ao narrar a "História de Jesus", Dona Lauricena fazia muito mais do que simplesmente transmitir a história de uma vida. Tornava-se anunciadora da Boa Nova, criadora de um Evangelho que compendia a estrutura teológica e existencial do universo semântico em que se movimentava e vivia, buscando, ao mesmo tempo, ser fiel às fontes das quais recebia o conteúdo da história que criava e contava.

Neste estudo, após a transcrição do texto de Dona Lauricena, com algumas referências a suas fontes evangélicas, se passará a dois tipos de aproximação teológica. Num primeiro momento, procura-se refletir sobre a estrutura narrativa do texto de Dona Lauricena, em comparação com os textos dos Evangelhos. A visão de conjunto possibilitará observar coincidências e silêncios na sua relação com o texto evangélico. Num segundo momento, uma leitura mais pormenorizada da narrativa poética de Dona Lauricena permitirá perceber como se articulam os conteúdos teológicos, o que lhe dá consistência e unidade, e que pistas interpretativas se podem tirar do conjunto do texto. Daí se abrem possibilidades para a tarefa teológica atual.

1. O texto

- | | | |
|--|---|--|
| 1. Em vinte e cinco de março anunciou a Maria, o anjo entrou no quarto, fez um grande resplandô. | 6. Os anjos desceu cantando ^d todos com muita alegria ^b : "Este é o Filho de Deus ^c , é o filho de Maria". | ^a Lc 1,28
^b Lc 1,30
^c Lc 1,31 |
| 2. O anjo disse a Maria: "Não precisa de tremê ^b . É o salvador do mundo que de vós irá nascê" ^c . | 7. Os anjos chegou cantando aquele bonito hino: "Este é o nosso Rei em forma de um menino". | ^d Lc 1,38
^e Lc 1,38
^f Lc 1,35a
^g Lc 1,35b |
| 3. Maria lhe respondeu ^d : "Faço tudo por amor. Seja feita a vontade ^e do agrado do Senhor". | 8. Os anjos se despediu: "Dê licença, eu já invou". Os anjos saiu dali ^m e os pastorinhos chegou. | ^h Lc 2,4
ⁱ Lc 2,7
^j Lc 2,9 |
| 4. E naquela mesma hora o Espírito desceu ^f ; com a sombra do Espírito Santo ^g Maria lhe concebeu. | 9. E os pastorinhos chegou ficaram admirado: Um menino na cocheira ⁿ e Maria a seu lado. | ^k Lc 2,10
^l Lc 2,11-12
^m Lc 2,15-16
ⁿ Lc 2,16 |
| 5. Vinte e cinco de dezembro foi certo que aconteceu. Lá na Gruta de Belém ^h Menino Jesus nasceu ⁱ . | 10. José estava ali companheiro de Maria ^o . E ele punha sentido em tudo que acontecia. | ^o Lc 2,19 |

- p Lc 2,20
 q Mt 2,1
 r Mt 2,2
 * Mt 2,9
 t Mt 2,3
 u Mt 2,7-8
 v Mt 2,12
 w Mt 2,16
 x Mt 2,10-11
 y Mt 2,12
 * Mt 2,12
 * Mt 2,13
 b Mt 2,12
 c Lc 2,40.52
 d Mt 13,35
 e Lc 4,22b
 f Mt 13,55;
 Mc 6,3
 g Lc 2,28
 h Lc 2,29-32
 i Lc 2,29
11. Os pastores enjoeiheiro, adorou com muito amôr.
 Aquele belo Menino parece um buquê de flô.
12. O galo abriu o bico e começou a cantá; os bichos todos escutaro, vieram lhe visitá.
13. O boi chegou mais pertinho, porque de longe não dá, estava fazendo frio, chegou para bafejá.
14. Os magos moravam longe^a, por isso custou chegá. Uma estrela veio guiando^r e parou nesse lugá^a.
15. Os magos se deslocaram e foram lhe procurá, passando lá em Herodes^e. O Herodes foi falá:
16. "Se acharem esse Menino, vortem e vem me contá". Eu quero vê o Menino, preciso ir adorá".
17. Herodes era um rei que mandava o seu Estado. Ele queria enganá, ele ficou enganado^m.
18. Os reis acharam o Menino, mostraram o que foi fazê: Incenso, ouro e mirra^a eles foram oferecê.
19. E os reis foram dormi, porque estavam cansados; naquele sono os reis^v foram os três avisados:
20. "Não voltem por esse caminho; siga-se outro destino^t. Herodes está enganando. Querem matá o menino^h".
21. No outro dia cedinho os magos se viajó^b. Voltou por outro caminho, neste lugá não passô.
22. Herodes não ficou sabendo, nem nunca pôde sabê: O menino era pequeno, mas precisava crescê.
23. Tudo aquilo que Deus faz, nunca está por fazê. Muitos grandes pelejaro, não puderam interrompê.
24. O menino ia crescendo^r naquela sabedoria. Não precisava ensiná, de tudo ele sabia. Muito mais do que seu Pai e a sua mãe Maria.
25. Jesus nasceu pequenino, de pequeno ele cresceu, para nos deixá enxemplo, Trinta ano ele viveu.
26. Seu pai era pobrezinho, mas tinha opiniã, trabalhava o dia inteiro, fazendo calo na mão.
27. O pai era carpinteiro^d, a mãe fiava algodão, o Menino ali perto, brincando naquele chão.
28. O seu pai fez um pião, mandou sua mãe guardá, para acalentá o Menino na hora que ele chorá.
29. Tudo naquela casa feito com muita alegria. O pai chamava José^e, a mãe chamava Maria^f.
30. E ele tomava bença ao clareá do dia e quem te abençoava era José e Maria.
31. Era um Menino formoso e de consideração. Quem te levantó no Templo?^w Foi o velho Simeão.
32. E levantou e deu graças, dizendo: "Ele vai sê^h Eu vi o que eu desejava, agora eu posso morrer^h".

33. O rei formou uma leis difícil de acreditá pra matá todos os meninos¹ que havia nesse lugá. .
34. Um dia José sonhó² e ouviu aquele grito: "Tu pega esse menino¹, vai levá pro Egito".
35. Ele arriou um jumento e seguiu passo a passo. Maria ia muntada, levando Jesus no braço.
36. Esse Menino perdeu^m, quando tinha doze ânu. Sua mãe muito aflita: "Andava te procuranu"ⁿ.
37. Procurô com os parente, mas o Menino não veio^o. Foi achá entre os doutô, discutando a sua lei^o.
38. De doze a dezoito ânu era um rapaz incelente, cuidava da obrigação e visitava us duente.
39. O pobre que ele encontrava, doía o seu coração. Queria dá de um tudo, não tinha nada na mão.
40. De dezoito a vinte e cinco ele era um rapaz forte, mas sempre estava lembrando o dia da sua morte.
41. De vinte e cinco a trinta: "Tudo está como eu quero. Vou seguí pro mundo afora, pregando o meu Invangelho".
42. Os trinta anos completo^o começou a fazê milagre e muitos ficou escrito^o e muitos que ninguém sabe^o.
43. Primeiro milagre dele^t tá escrito e é assim: Na festa de casamento^o fez a água virá vim".
44. Ele fez muitos milagres que o povo admirava^o; por esse mundo afora^o cego e coxo ele curava.
45. Ele curou um rapaz^o que era cego de nascença e lhe deu esse preceito: "Não fale na minha ausência^o".
46. O rapaz era bem velho^o e nunca tinha enxergado. Era cego de nascença^o e tinha os olhos fechado.
47. Ele fez barro na terra, nos olhos dele passô e lhe disse: "Vai lavá!"^b E o rapaz foi e lavô.
48. O rapaz lavô os olho na piscina Suloe^o. Ele ficou enxergando como um outro quarqué.
49. Todos que te conhecia ficava se murmurando: "Esse rapaz era cego^d, agora está enxergando?"
50. "Este rapaz era cego, tá enxergando agora. Pois eu queria sabê: Conta pra mim a história^o".
51. "Se vocês querem sabê, explico como é que é: O homem que me curou é Jesus de Nazaré^o".
52. Tudo o que estou falando, a Escritura dá prova. Ele curou cego e mudo, levantou morto da cova.
53. O morto que alevantou, irmão de Marta e Maria^o, este rapaz tava morto há cerca de quatro dia^b.
54. E Jesus chegou na cova, o nome dele falou. Ele disse: "Lazo, Lazo!"^o E Lazo alevantou^l.
- ¹ Mt 2,16
² Mt 2,13a
¹ Mt 2,13b
^m Lc 2,42-43
ⁿ Lc 2,48
^o Lc 2,44
^o Lc 2,46
^o Lc 3,23
^o Jo 20,30-31
^o Jo 21,25
^t Jo 2,11
^u Jo 2,1
^v Jo 2,6-10
^w Mt 9,33; Mc 2,12
^x Mt 9,35b; Mc 3,10; Lc 6,18b-19
^y Jo 9,1
^z Jo 9,21
^a Jo 9,1
^b Jo 9,6-7
^c Jo 9,7
^d Jo 9,8-12
^e Jo 9,10
^f Jo 9,11
^g Jo 11,1
^h Jo 11,39
ⁱ Jo 11,43
^j Jo 11,44

- ^k Lc 15,19-31
- ^l Lc 7,12
- ^m Lc 7,13
- ⁿ Lc 7,14-15
- ^o Mt 9,20-22;
Mc 5,25-34;
Lc 8,43-48
- ^p Mc 2,3-12;
Lc 5,18-25
- ^q Mt 12,9-13;
Mc 3,1-5; Lc 6,6-11
- ^r Jo 4,7-9
- ^s Jo 4,15
- ^t Jo 4,16
- ^u Jo 4,17a
- ^v Jo 4,17b-18
- ^w Lc 15,11-12
- ^x Lc 15,13-20a
- ^y Lc 15,20b-22
- ^z Lc 15,21
- ^{aa} Lc 15,18-19
- ^{ab} Lc 15,21b-23
- ^{ac} Lc 15,23
- ^{ad} Lc 15,25-28a
- ^{ae} Lc 15,28b-32
- ^{af} Lc 15,29
- ^{ag} Lc 15,31-32
- ^{ah} Mt 9,18;
Mc 5,22.35b;
Lc 8,41-42
- ^{ai} Mc 5,35a;
Lc 8,49
55. Lazo, aquele rapaz, porque era simples bão^k, ele morreu, foi pra o céu no seio de Abraão.
56. E também outro rapaz que o povo ia levando^l, sua mãe, uma viúva^m, envinha atrás chorando.
57. Jesus tocou no esquite e todo mundo parôⁿ. E ele disse: "Levanta!" O morto se alevantô.
58. A mãe daquele rapaz de alegria pulô, de vê o seu filho vivo, pra sua casa vortô.
59. A Maria Madalena estava desenganada^o. Tocou na roupa de Cristo e ela ficou curada.
60. E também aquele home que desceu pelo telhado^p, a sua fé foi tão viva, o home ficou curado.
61. E também aquele outro que tinha a mão mirrada^q Jesus restabeleceu e a mão ficou curada.
62. Aquela samaritana que com Jesus conversô^r, ela pediu água viva^s e Jesus não se negô.
63. Jesus disse a essa mulhé: "Vou tocá em seu ouvido. Se tu queres água viva, vai buscá o seu marido"^t.
64. Aquela samaritana olhou o desconhecido e depois arrespondeu: "Senhô, não tenho marido!"^u
65. Jesus olhou pra a mulhé, enfim ele arrespondeu: "Tivesses cinco marido, mas o que tens não é seu"^v.
66. E aquele filho pródigo, que você ouviu falá^w, recebeu a sua herança e não quis mais trabalhá.
67. Saiu pelo mundo afora, o seu dinheiro gastô, começou a passá fome^x, Pra casa do Pai vortô.
68. O Pai avistou o filho, foi logo se encontrá. Pôs um anel no dedo^y, deu roupa para trocá.
69. O filho disse ao Pai: "Estou cheio de pecado^z. Não posso ser o seu filho^{aa}; quero ser seu empregado^{ab}".
70. O Pai chamou o seu servo que estava ali de lado: "Vamos fazê uma festa^{ac}. Matai um novilho cevado^{ad}".
71. Ele disse a outro servo: "Tome conta do salão. Quero fazê uma festa^{ae}, vamos fazê um festão^{af}".
72. Aquele filho mais velho, quando da roça chegô, ouvindo aquele barulho^{ag}, lá dentro ele não entrô.
73. O Pai desceu a escada e com o seu filho falô: "Estou fazendo uma festa^{ah}, porque o seu irmão chegô^{ai}".
74. O filho disse ao Pai: "Quero te agradecê. Nunca mataste um cabrito^{aj} pro meus amigos comê^{ak}".
75. O Pai disse ao filho: "Tudo o que é meu é seu^{al}. Seu irmão tava morto, mas agora reviveu^{am}".
76. A filhinha de Jaíre^{an}, que também estava morta^{ao}, e Jesus envinha passando e chegou na sua porta.

77. Ele disse umas palavra e o povo ficou rindo:
"A menina não está morta^k, a menina tá dormindo!"
78. E Jesus entrô no quarto^l, aquela porta fechô.
E ele disse: "Alevanta!"
A menina alevantô.
79. A mãe daquela menina já ficou esbaforida.
Jesus disse: "Ela tem fome. A menina qué comida^m."
80. E Jesus saiu dali, o povo acompanhou.
Por vê um grande milagre muita gente acreditou.
81. E Jesus ia andando, explicando àquele povo:
"Se quiser me acompanhá, Tem que renascê de novo".
82. E um homem perguntô:
"Senhor, vem me explicá:
Como pode um homem velho no ventre da mãe entrá".
83. E Jesus lhe arrespondeu:
"Pois eu vou te explicá:
Quem nasce da carne é carneⁿ e na carne irá ficá".
84. "Para renascê de novo, precisa de batizá.
Aquele que não batiza, no céu não irá entrá".
85. Este povo ia andando há três dias sem pará.
Encontraram ali um rio, este povo ia vortá.
86. Jesus disse aos seus discípulos:
"Precisamos dá comê.
Se esse povo vortá^o, eles vão desfalecê".
87. Mandou assentá as turma de cinquenta até de cem.
Muita gente ali olhando, esperando o que vem.
88. Os discípulos admirados:
"Como havemos de fazê?
Aqui é lugá deserto",
nada temos pra comê!"
89. De repente apareceu lá na beira do caminho^p um menino ali vendendo quatro pão e dois peixinho.
90. Jesus deu graças e partiu^q.
O pouco foi aumentado.
Mandou que traga de volta os pedaços subeijado.
91. Depois que todos comeu, doze cestos alevantou^r.
Foi este um grande milagre:
Era pouco inda sobrou.
92. No meio da multidão tem algum que se avança:
"Quatro mil homem comeu^s fora as mulhêr e criança".
93. Veja que bonita história que contei a tanta gente, da vida de um homem santo que morreu tão inocente.
94. Naquela última ceia^t começou se assentí,
Jesus disse aos seus discípulos^u:
"Um de vós vai me traí!"
95. Os discípulos admirados começaram a perguntá:
"Será que sou eu, Senhó?
Ou quali de nós será?"
96. E Jesus lhe arrespondeu:
"Vou tirá a conclusão:
É aquele que eu der esse pedaço de pão^v."
97. E Judas tomou o pão, rivirou-se às avessa^w.
E Jesus lhe disse a ele:
"O que faz, faça depressa".
98. E Judas saiu correndo^x, trupicando pelas pedras.
Ele foi vendê Jesus, recebê trinta moedas^y.
- ^j Mt 9,24; Mc 5,39; Lc 8,50
^k Lc 8,52b-53
^l Mc5,40-42; Mt 9,25; Lc 8,54-55a
^m Mc 5,43; Lc 8,55b
ⁿ Jo 3,3
^o Jo 3,4
^p Jo 3,6
^q Mt 15,32a; Mc 8,2
^r Mt 15,32b; Mc 8,3
^s Mc 6,40; Lc 9,11-14
^t Mc 8,4
^u Mt 14,15b; Mc 8,4; Lc 9,12
^v Mt 15,33
^w Jo 6,9
^x Mt 15,36; Mc 8,6b; Jo 6,11
^y Mt 14,20; Mc 6,43; Lc 9,17; Jo 6,13a
^z Mt 15,38; Mc 8,9
^{aa} Mt 25,20; Mc 14,17; Lc 22,14; Jo 13,2
^{ab} Mt 26,21; Mc 14,18b; Lc 22,21; Jo 13,21
^{ac} Mt 26,21; Mc 14,19; Lc 22,23
^{ad} Jo 13,26a
^{ae} Jo 13,26b-27b
^{af} Jo 13,30
^{ag} Mt 26,15

- ^b Mt 26,48a; Mc 14,44a
ⁱ Mt 26,48b; Mc 14,44b; Lc 22,47
^j Jo 18,1b
^k Mt 26,49; Mc 14,45; Lc 22,47b
^l Mt 26,47b; Mc 14,43b; Lc 22,47a
^m Jo 18,6
ⁿ Jo 18,7a
^o Jo 18,7b
^p Jo 18,12
^q Mt 26,51; Mc 14,47; Lc 22,50;
 Jo 18,10
^r Mt 26,52b
^s Lc 22,51
^t Mt 26,63; Mc 14,61
^u Lc 23,1; Jo 18,15
^v Lc 22,54b; Jo 18,28
^w Mt 27,11a; Mc 15,1b
^x Mt 26,34; Mc 14,30; Lc 22,34,35; Jo 13,38
^y Mt 26,35; Mc 14,31; Lc 22,33
^z Mt 26,69; Lc 22,54; Jo 18,15
^{aa} Mt 26,69; Mc 14,66; Lc 22,56; Jo 18,17
^{ab} Mt 26,73b; Mc 14,70; Lc 22,59
^{ac} Mc 14,68
^{ad} Mt 26,73a; Mc 14,70; Lc 22,58; Jo 18,25
^{ae} Mt 26,74b; Mc 14,68b.72a; Lc 22,60; Jo 18,27b
^{af} Mt 26,75a; Mc 14,72b; Lc 22,61
99. Os fariseu perguntou: "Como havemos de fazê? Porque no meio dos discípulos^b não podemos conhecê".
100. E Judas lhe arrespondeu: "Pois eu vou te amostrá. Preste bem atenção: aquele que eu beijá".
101. Quando chegou no jardimⁱ, Jesus tava esperando e Judas muito depressa inclinou e foi beijando^b.
102. Atrás de Judas envinha uma grande multidãoⁱ. Querendo prendê Jesus, caíram todos no chão^m.
103. Poucos minutos depois começaram alevantá. Então Jesus perguntou: "A quem viestes buscá?"
104. A turma lhe respondeu: "É Jesus de Nazaré" Agora eu estou ciente, eu já sei bem quem é".
105. Então Jesus respondeu: "Dureza de coração! Se é preciso que eu vá, entrego nas vossas mão".
106. A turma ficou esperta, deu um passo para a frente, pegaram as mãos de Jesus^p e amarraram a corrente.
107. E Pedro ficou irado. Com sua espada na mão cortou a orelha do Marco^q, deixou cair pelo chão.
108. E Jesus lhe disse a Pedro: "Não seja tão atrívado. Todos que com ferro fere^r, com ferro será ferido!"
109. Jesus fez esse milagre pra muita gente alembrá: Pegou a orelha de Marco e colocou no lugá^s.
110. O chefe daquela turma já começou a gritá: "Não é milagre nenhum! Ele quer nos enganá".
111. Daquela hora em diante Jesus não quis mais falá. Ele ficava calado, quando usavam perguntá.
112. Seguiram então com Jesus^u e Pedro acompanhô. Chegaram naquele pátio no meio dos governadô^v.
113. Jesus tinha dito a Pedro: "Tudo irá consumá, tu vai me negá três vez^x antes do galo cantá".
114. Mas Pedro disse a Jesus: "Eu quero te afirmá: Pode ser pena de morte, nunca irei te negá^y".
115. Mas essa hora chegou, sem o Pedro esperá. Antes de amanhecê^z Pedro começou negá.
116. Veio a ele uma criada^a, olhando pro rosto seu: "A sua fala mistura. Você é um galileu?"^b
117. E Pedro lhe arrespondeu, olhando praquele chão: "Você está muito enganada, eu não sou dessa nação^c".
118. Um criado perguntou a respeito do seu nome e Pedro negou dizendo: "Não conheço tali home".
119. Um pergunta, outro pergunta^d, enfim o galo cantô. Jesus olhou para Pedro^e e Pedro se alembro^f.
120. Mas não foi culpa de Pedro, nem Pedro foi o culpado. É para dá testemunha que Jesus tinha falado.

121. Tudo o que Jesus falou^f
e mandou se escrevê,
passa o tempo que passá^h,
tudo vai acontecê.
122. O sóli vai escurecê,
a lua não vai brilhá,
as estrelas vão cair
e Jesus irá vortá.
123. Você que está esperando,
não canse de esperá^l.
Pode ficá sossegado
que esse dia vai chegá.
124. Põe azeite em sua lampa^k
não deixe a lampa apagá^l.
Tu vai precisá da lampa
a hora que Jesus chegá^m.
125. Ele vai entrá no salão^a,
o povo vai acompanhá.
Se a tua lampa não cende,
Tu não poderá entrá^o.
126. Ele é a lampa forte,
ele vai resplandecê.
Todos que tivê ligado,
a lampa vai cendê.
127. Pra ligá aquela lampa
só tem uma solução:
É fazê a caridade,
ajudá o seu irmão.
128. Se teu irmão tá com fome^e
e vié te procurá,
dai um pouco do que é seu
pra fome dele matá.
129. Se teu irmão tá doente^a,
sofrendo uma grande dô,
vai cuidá do seu irmão,
velando com muito amô.
130. Se teu irmão tá nervoso,
um bom conselho vai dá,
levando devagarinho
pra corda num rebentá.
131. Se essa corda rebenta,
como é que vai arranjá?
Nem que faça noli cego,
ela num vai imendá.
132. Pra imendá essa corda
precisa recomeçá.
Tu vai procurá um padre
para podê confessá.
133. Se o padre observe,
está livre do pecado,
já pode ir comungá,
tudo está perdoado.
134. Segura na mão de Cristo,
não vai voltá para trais,
vai vivê dereitinho,
não vai pecá nunca mais.
135. Você estava perdido,
o padre foi sua guia,
mas ele num é escravo
pra perdoá todo dia.
136. Meu divino Espirto Santo,
vem aqui me ajudá.
Me livra de todo mali,
não me deixa eu pecá.
137. Foi Jesus quem falou:
"Quem pede receberá".
Quem está sempre pedindo,
é certo que vai ganhá".
138. Não sei lê, nem escrevê,
nem tenho um papel na mão.
Tudo o que eu estou falando,
eu guardo no coração.
139. Minha cabeça é pequena
pra guardá tudo o que eu tenho.
É como areia no mar,
quanto mais tira mais tem.
140. Deus fez esse mundo tão
grande
E nos deixou por presente.
Jesus vai vortá um dia
pra levá os inocente.
141. Inocentes são aqueles
que vive fazendo o bem,
não tem ódio do irmão
e não faz mali a ninguém.
142. Jesus disse aos seus discí-
pulos:
"Um dia eu vou vortá".
Os discípulos perguntaram:
"Senhor, quando isso será?"

▪ Mt 5,18;
Mc 13,31;
Jo 16,17;
21,33

^h Mt 24,35

^l Mt 24,29-
30; Mc 13,24-
26

^j Lc 12,40

^k Mt 25,4

^l Lc 12,35

^m Mt 25,6ss

^a Mt 25,10

^o Mt 25,11-
12

^p Mt 25,35a

^q Mt 25,36b

^r Mt 7,6-9;
Mc 11,24;
Lc 11,9-11

^s Mt 24,3;
Mc 13,2-3;
Lc 21,7

- ¹ Mt 24,36; Mc 13,32
² Mt 24,36; Lc 21,36
³ Jo 14,9b
⁴ Jo 14,20
⁵ Jo 14,11.10
⁶ Mt 7,24; Lc 6,47
⁷ Mt 25,32
⁸ Jo 21,15-17
⁹ Mt 26,61; Mc 14,58; Jo 2,19
¹⁰ Jo 2,22
143. E Jesus lhe arrespondeu: "Eu não posso lhe explicá. Só o Pai que está no céu¹, sabe quando isto será".
144. Ainda Jesus falou: "Não esqueça de orá, eu vou vim como um relampo que todo olho verá".
145. Ainda Jesus falou: "Feliz daquele será, que eu encontrá orando, a hora que eu vortá".
146. "Quem me ouve, ouve o Pai"² E Jesus lhe disse assim: "Porque eu estou no Pai"³, E o Pai está ni mim"⁴.
147. "Quem ouve as minhas palavra⁵ e faz a vontade do Pai, está no meu coração, do meu abrigo não sai".
148. "Vou ajuntá minhas ovelha⁶, todas do mesmo tamanho, aquelas que tem defeito, não entra no meu rebanho".
149. Jesus disse três palavras, todas igual à primera: "Pedro, se tu me ama⁷, apascenta as minhas ovelha".
150. Jesus comparou a si próprio com o palácio de um rei: "Destruírei esse templo⁸, em três dias reconstruirei".
151. Jesus explicou dereitinho, os discípulos não compreendeu, ficaram todos sabendo depois que Jesus morreu⁹.
152. Meu Divino Espirto Santo, ele é o meu professô, me ensina um bom caminho e aumenta o meu amô.
153. Meu Divino Espirto Santo, ele é o meu protetore, pra livrá dos inimigos com um gainho de flore.
154. Esse gainho de flore nasceu no seu coração, ninguém pode arrancá, nem tomá em suas mão.
155. É uma flore tão linda com mais de mil resplendore, os inimigo num aguenta o cheiro que sai da flore.
156. Essa flore é um remédio, veneno ela não tem. Só mata a quem faz o mali, dá vida a quem faz o bem.
157. Ninguém pode fazê o mali, porque o Senhô não gosta. Todo aquele que faz o mali, montoa brasa nas costa.
158. Aquele que faz o mali, podia fazê o bem. Ele ia ganhá um prêmio que aqui no mundo não tem.
159. Este prêmio é uma jóia, não tem dinheiro que paga; quem quisé ir para o céu, vai construindo uma vaga.
160. O pedreiro inteligente, com sua colhé na mão, antes que a chuva vem, já fez sua construção.
161. Pra rezá o Pai nosso preste bem u atenção: Não deixe dele cair uma palavra no chão.
162. Vai de palavra em palavra, rezando devagarinho, meditando as palavras até chegá lá no fim.
163. Quando chegá lá no fim, as palavras vão pesá, aonde que Jesus disse, pedindo pra perdoá:
164. "Perdoai nossas ofensas, como eu perdoei também. Não pode sê perdoado quem num perdoa ninguém".

165. Ouvindo essas palavra,
o coração endurece,
dizendo que não perdoa,
porque o irmão num merece.
166. Vou te pedir um favô:
Esmolece o coração,
faça essa caridade,
perdoai o seu irmão.
167. Jesus na hora da morte,
naquela grande aflição,
mas ele não esqueceu,
perdoô o bom ladrão^d.
168. Jesus disse a seus discípulos:
"Faça como eu vos mandei,
amai-vos uns aos outros,
assim como eu vos amei^e".
169. Por toda a parte do mundo
o Evangelho é pregado.
Se aumenta ou diminui,
esse será condenado.
170. Se disserem: "Ah! Ele ali!^f"
Peço não acreditá.
Ele vem como um relampo^g,
e todo olho verá.
171. Se você num acredita,
você vai acreditá:
Jesus vai descê do céu;
ele vem para jurgá.
172. Ele vai descê do céu,
ele vem pra nos jurgá.
Mas essa hora é feia
pra quem num vai se sarvá.
173. Tudo que ele falou,
é certo que vai acontecê:
Em uma nuve branca
vamo vê Ele descê.
174. Eu desejava sabê,
mas não posso adivinhá,
ele não marcou o dia
nem a hora de vortá.
175. Eu queria está ali
com meu coração na mão,
entregando a Jesus Cristo,
recebendo a sarvação.
176. Meus irmãos, preste atenção,
não precisa de chorá:
Guarda o coração bem limpo
pra hora que ele vortá.
177. O padre tem uma orde
de perdoá os pecados,
tudo o que ligá na terra,
no céu estará ligado.
178. O padre tá na igreja
cansado de esperá.
Se você fez um pecado,
vai depressa confessá.
179. O padre guarda segredo,
mas eu num posso guardá.
Eu conto os meus pecados,
ele num pode contá.
180. Constrói um belo sacrário,
feito com pura união,
pra guardá a hóstia viva
dentro de um coração.
181. Você diz que é católico,
conta a vida de Jesus,
ele foi crucificado,
ele morreu numa cruz.
182. Você diz que ele morreu,
mas ele ressuscitou.
Ele subiu para o céu,
em um trono ele assentou.
183. Ao redô daquele trono
os anjo nada deseja.
Todos eles tão dizendo:
"Bendito, louvado seja".
184. Bendito, louvado seja,
bendito seja louvado.
Ele que tanto sofreu,
no céu está coroado.
185. A campainha tocou,
o povo tá convidado:
Jesus Cristo no artá,
naquele pão consagrado.
186. Ele disse a seus discípulos:
"Fazei tudo por amô,
comungai todos domingo,
é o dia do Senhô."
- ^d Lc 23,42-43
^e Jo 13,24; 15,12,17
^f Mt 24,23; Mc 13,21
^g Mt 24,27

187. Ele disse: "Em verdade,
em verdade eu vou falá:
Quem num come a minha carne,
no céu num irá entrá."
188. Todos nós somos chamados,
todos lhe atenderá.
Terás a grande surpresa,
quando o Senhor vortá.
189. Quem istivé naquela fila,
faça boa confissão,
repende todos os pecados,
perdoa todos os irmãos.
190. Minhas palavras são flores
que nasceu no meu jardim,
é semente lá do céu
que os anjos trouxe pra mim.
191. Samiei esta semente,
semente nasceu palavra:
Se cuprirem os mandamentos,
não há ninguém que não sarva.
192. Eu sempre vivo pensando,
não podia sê assim:
Coroaram o nosso rei
com uma coroa de espim.
193. Lá no arto do Carvário
ele foi crucificado,
derramou todo seu sangue
pra pagá nossos pecado.
194. Sua mãe ali chorava,
quase morrendo de dore,
vendo seu filho inocente,
morrendo pros pecadore.
195. Tudo isso aconteceu,
nun sei se você já sabe,
ali ele pediu água,
eles deram foi vinagre.
196. Abaixou sua cabeça,
seu rosto desfigurô,
ele morreu suspirando,
por tudo que ele passô.
197. Eu sei que ele está vivo,
como esteve no deserto.
Um dia ele estava longe,
mas agora ele está perto.
198. Meu Senhô, fica comigo,
eu preciso de você.
Se o Senhô fô embora,
como eu irei fazê?
199. O meu Senhô é um rei
que veio pra sofrê dô,
trouxe uma estrela guia,
cheia de paz e amô.
200. Quem com ele estivé,
cumprindo esta missão,
um dia hei de vencê,
ganhando a sarvação.
201. Com os anjos lá no céu
cantarei em seu louvô,
dizendo em alta voz:
"Jesus Cristo é o Senhô!"
202. Ele é o Senhô do céu,
é o Rei do mundo inteiro.
Ele governa o Brasil
e todo povo estrangeiro.

2. Primeira aproximação

A primeira tarefa na análise do texto acima consistirá numa comparação entre sua estrutura e a dos Evangelhos canônicos. Antes, porém, será necessário refletir sobre a composição literária do texto, tomado em seu conjunto. Não se pretende fazer uma análise literária, mas simplesmente colocar frente a frente a forma como está tecida a "História de Jesus" de Dona Lauricena e a seguida pelos Evangelhos canônicos. Em outras palavras, trata-se de refletir sobre a narratividade

como forma literária de composição textual e sua relação com o evento narrado¹. A hipótese de trabalho é que há em ambos os casos um encontro de duas narratividades: *a do sujeito narrante*, que é interpelado por um evento narrativo, e por isso utiliza como gênero literário o “contar histórias”, e *a do objeto narrado*, o acontecimento Jesus Cristo, que mais que uma doutrina salvífica, é um fato que interpela e exige ser narrado.

2.1 *Da estrutura narrativa dos Evangelhos ao texto de Dona Lauricena: o encontro de duas narrativas*

2.1.1 *O Evangelho como teologia narrativa da vida de Jesus*

O termo “Evangelho não se identifica simplesmente com os escritos que trazem este nome. Em sua origem, é um termo muito mais carregado de sentido. Nos escritos paulinos, designa a atividade missionária de Paulo (Rm 15,20; 1 Co 15,1s; 2 Co 10,16; 11,7; Gl 1,8.11-16; 4,13), bem como o conteúdo do anúncio: morte e ressurreição de Jesus (Rm 1,3s; 1 Co 15,3-5), o mistério do Deus escondido nos séculos e manifestado às nações (Rm 16,25). O objeto do Evangelho é Jesus (Gl 1,16), a riqueza de Jesus (Ef 3,8). É o Evangelho de Cristo (Rm 15,19; 1 Co 9,12; 2 Co 2,12; 9,13; 10,14; Gl 1,7; Fl 1,27; 1 Ts 3,2), o Evangelho de Deus (Rm 1,9; 1 Ts 2,2.9). Cristo não é somente o objeto do Evangelho, mas, sobretudo, o sujeito. A cruz é central nesta pregação (1 Co 1,17-25; 2,2). Ela é a boa-nova da salvação (Ef 1,13), a sabedoria de Deus (1 Co 2,6). O Evangelho realiza a salvação (Rm 1,16; 1 Co 15,2; Ef 1,13), traz a esperança, derrama a luz (2 Co 4,4). Além dessas diversas significações, Paulo fala do *seu* Evangelho (Rm 2,16; 1 Co 15,1; 2 Co 4,3; Gl 1,11; 1 Ts 1,5, etc), para designar que há somente um Evangelho, aquele que ele prega (Gl 1,11; 1 Co 15,1). Ele é seu arauto e apóstolo (Rm 1,1; 1 Co 1,17; 9,16), sobretudo na pregação aos gentios (Gl 2,7-8)².

O Evangelho, como gênero literário, é criação de Marcos. Partindo das diferentes tradições e coleções que transmitiam aspectos da vida e obra de Jesus, Marcos elabora uma narração completa, que articula num todo os diversos aspectos da atividade, vida, morte e ressurrei-

¹ Veja-se a literatura sobre “teologia narrativa”, especialmente J. B. METZ, *A fé em história e sociedade*, São Paulo, Paulinas, 1980, 328-366. Id., “Pequena apologia da narração”, *Concilium* n° 85 (1973) 580-592. Cf. dois números da Revista *Christus* (México) dedicados ao tema: *Christus* 51 (1985-1986 / n° 591-592); 51 (1986 / n° 593).

² Cf. o verbete “Evangelho”, J. L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulinas, 1983, 319-223.

ção do Senhor. O resultado final é o Evangelho (Mc 1,1), palavra que designa, ao mesmo tempo, o veículo que narra o acontecimento salvífico (gênero literário) e o conteúdo do mesmo, Jesus Cristo³. Mateus, Lucas e João seguem um procedimento similar, buscando atender às necessidades da existência da fé de suas comunidades em outros contextos.

O gênero literário Evangelho é, portanto, o resultado final de uma síntese teológico-existencial das comunidades de onde surgiram. Contêm não só a vida de Jesus, mas esta vida em relação com as comunidades que se deixaram interpelar e interpretar por ela. Em sua forma literária, predomina a narração, como é narrativo o acontecimento salvífico. Quem experimenta a salvação vivida em Jesus Cristo, anuncia-a como algo acontecido no hoje de sua história, anúncio que é a narração do núcleo central da fé salvífica: a morte-ressurreição de Jesus Cristo (At 2,22-36; 3,13-15, 1 Co 15,3-8, etc). O ouvinte da Palavra, redentora e forjadora da nova humanidade na história, torna-se seu realizador. Neste sentido, a Palavra anunciada, Jesus Cristo, torna-se eficaz e realizadora de sentido, no momento em que é narrada (porque é *objetivamente* Palavra de salvação), e no momento em que é assumida (porque é *subjetivamente* Palavra salvífica). O cristianismo surge, pois, como uma comunidade de recordação e narração com intenção prática: recordação narrativo-invocativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Este *logos* narrativo é a estrutura fundamental e fundante do *logos* da cruz e ressurreição de Jesus⁴. Esta estrutura narrativa originante é fundamental na compreensão do cristianismo. Ela é mantida com um equilíbrio vigoroso nas narrativas evangélicas canônicas.

2.1.2 A narratividade da "História de Jesus" de Dona Lauricena

O texto de Dona Lauricena também segue uma estrutura narrativa. Pretende ser uma "História de Jesus"⁵. Sua forma poética dá um colorido especial à narração. Leva a um envolvimento existencial do ouvinte na Palavra acontecida e narrada. Também aí há o encontro de duas narratividades. O anunciado (objeto da narração) assume a forma de acontecimento, uma vez que toda a vida de Jesus é narrada e interpela o ouvinte, e quem anuncia (sujeito da narração) também se abre inteiramente ao narrado, com sua vida pessoal e a da comunidade de narração a que pertence.

³ Cf. R. PESCH, *Il Vangelo di Marco I*, Brescia, Paideia, 1980, 33-37.

⁴ Cf. METZ, *A fé*, 249-250.

⁵ Não como as "Histórias de Jesus" suscitadas pela exegese crítica do final do século XIX e inícios do XX, e a questão daí decorrente sobre o Jesus histórico e o Cristo da fé. (Ver sobre esta questão a síntese de J. I. GONZÁLEZ-FAUS, *La Humanidad Nueva*, Santander, Sal Terrae, 1984, 19-47). O texto de Dona Lauricena é, neste sentido, uma "história pré-crítica de Jesus", como os Evangelhos canônicos.

Além de manter, em relação aos Evangelhos, esta similaridade na forma, a narração de Dona Lauricena também a mantém na estrutura global do texto. A maior parte do conteúdo é praticamente a transcrição de fragmentos do texto originante. A escolha das passagens e a acentuação de certos aspectos obedece a um horizonte de sentido e de interpretação, que é a teologia e a vida de fé da comunidade e do tempo em que a narradora está imersa. Como nos Evangelhos, há um amálgama entre vida da comunidade e vida de Jesus. O Evangelho é narrado com uma intenção prática: anunciar Jesus e a vida cristã tal como é compreendida e vivida no seu tempo. O texto de Dona Lauricena guarda, como o evangélico, uma solidariedade com a comunidade para o qual é anunciado. Sendo uma comunidade com uma estrutura epistemológica mais simbólica do que crítico-argumentativa, acontece uma espécie de trânsito natural de horizontes, onde o texto adquire maior eficácia por utilizar a mesma gramática e sintaxe na qual se movimentam e se compreendem a narradora e os ouvintes.

O parentesco narrativo dos dois textos, tanto na forma quanto no conteúdo, permite avançar na hipótese de trabalho e também questionar o leitor/ouvinte que participa de outro horizonte de sentido e interpretação. Assim surge a questão sobre em que medida a teologia atual conserva a estrutura narrativa que lhe deu origem. Igualmente, pergunta-se como anunciar a totalidade do ser cristão num universo predominantemente simbólico e narrativo. A estrutura predominante da teologia corrente e do anúncio da Boa Nova na evangelização e catequese atuais correspondem ao horizonte dos destinatários? Até que ponto se consegue fazer o amálgama entre o evento a ser anunciado e o hoje em que é anunciado, com seus interrogantes, opções e existência prática de fé? Se o estudo do texto levar a essas questões, já terá valido o esforço.

2.2 O confronto de duas estruturas textuais

Não é intenção deste trabalho proceder a uma análise estrutural do texto em questão, seja por sua extensão, seja pelas implicações de tal empreendimento. Pretende-se realizar apenas uma análise global comparativa entre o texto de Dona Lauricena e o conjunto dos textos evangélicos, procurando estabelecer as grandes divisões do texto, sua relação com os Evangelhos, perguntar se subjaz algum texto evangélico como fio condutor do relato, qual dos quatro Evangelhos predomina nos diversos momentos da narração, quais as coincidências entre a "História de Jesus" de Dona Lauricena e os Evangelhos canônicos, e que aspectos do texto evangélico são omitidos na narração que está sendo analisada. Deste confronto global entre os dois textos, seguem-se algumas conclusões gerais que permitirão avançar no trabalho.

2.2.1 A estrutura dos textos evangélicos

É uma temeridade tentar estabelecer a estrutura geral dos diferentes Evangelhos, querendo tomá-los como globalidade. Cada texto evangélico possui sua estrutura própria, que obedece mais à teologia da comunidade e de seu redator, do que a determinados padrões comuns⁶. Apesar disso, podemos dizer que é possível delinear, nos diferentes Evangelhos, os grandes momentos da vida de Jesus. Assim, os marcos divisores das narrações evangélicas são:

1) *O Evangelho da Infância* (em Mt e Lc): tentativa de compreender teologicamente a "origem de Jesus" em sua relação com a história teológica e existencial de seu povo. Em João, tal reflexão é teologizada ao extremo, identificando o Filho com o *Logos* (Palavra) Eterno. Marcos não tem esta preocupação. O Evangelho da Infância não é, pois, de tal importância que seja imprescindível. Tanto é assim que ocupam pouco espaço na estrutura geral dos Evangelhos canônicos⁷.

2) *A vida pública de Jesus*: a) sua manifestação na Galiléia, após o batismo de João e o anúncio iminente do Reino, manifestação plena de seu poder (*exousia*) em obras (milagres-sinais) e palavras (as parábolas e os diferentes discursos: montanha, missionário, eclesial, escatológico, os que acompanham os sinais realizados [Ev. de João]); b) chamamento de um grupo de discípulos, para que o sigam e constituam o prenúncio da presença escatológica do Reino; formação para a missão (grupo dos Doze); c) crescente oposição das autoridades religiosas de seu povo (escribas, fariseus, chefes do povo).

3) *O desfecho trágico em Jerusalém*: prisão, processo, paixão, morte e ressurreição⁸.

Essas grandes linhas divisoras das narrações evangélicas deverão agora ser verificadas no texto de Dona Lauricena.

2.2.2 A estrutura da narração de Dona Lauricena

A "História de Jesus" de Dona Lauricena está dividida em três grandes partes que guardam certa correspondência com a estrutura evangélica:

1) *O Evangelho da Infância*, que ocupa uma quinta parte do macrotexto (41 estrofes). Além dos episódios de Lc e Mt, também

⁶ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Los Evangelios y la historia de Jesús*, Madrid, Cristiandad, 1982, 280-290.

⁷ Cf. J. DANIELOU, *Os Evangelhos da Infância*, Petrópolis, Vozes, 1969, 1-2; LÉON-DUFOUR, *Los Evangelios*, 340-349.

⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, *Los Evangelios*, 358-368.

assume pormenores oriundos dos Apócrifos, embora sem os exageros característicos destes. Esta parte apresenta certa desproporção quantitativa em relação aos Evangelhos canônicos, compreensível dentro do horizonte teológico em que se movimenta a narradora.

2) *A vida pública de Jesus* ocupa uma quarta parte da narração (50 estrofes). É praticamente dominada pelas "obras" (milagres) de Jesus. São escolhidos diferentes milagres, tomados, sobretudo, de Lc e Jo. Jesus aparece aí como um homem poderoso por suas obras. O texto evangélico guarda, no entanto, maior equilíbrio ao mostrar este "poder" não só em atos, mas também em palavras.

3) *A paixão, morte e ressurreição de Jesus* ocupa mais da metade do texto (109 estrofes). São escolhidos os episódios mais pitorescos. Na seleção não há predomínio de um Evangelho sobre os demais. A partir da estrofe 121 há um corte: após uma reflexão sobre a negação de Pedro (120), é introduzido o discurso escatológico e diversos outros acréscimos: temas parenéticos (sacramento da confissão, comunhão, guardar-se do mal, perdão dos inimigos, etc), interrupções em forma de oração (136.198), auto-apresentação (138-139), presença e função do Espírito Santo (152-156). O todo se encerra com o anúncio (querigma) da paixão, morte, ressurreição e glorificação de Jesus, e uma profissão de fé (201-202).

2.2.3 Confronto dos dois textos

Comparando as estruturas dos dois macrotextos, notam-se omissões características na narração de Dona Lauricena: o chamamento e formação dos discípulos; o anúncio do Reino como categoria central da pregação e ação de Jesus; a oposição crescente que se forma ao redor de sua pessoa (conflitos com as autoridades que o levarão à morte), além da parcimônia na transmissão das palavras de Jesus, embora estas, curiosamente, abundem na terceira parte, com predominância das palavras escatológico-apocalípticas.

Apesar de a terceira seção constituir mais da metade do texto, a "História de Jesus" de Dona Lauricena guarda certo equilíbrio quantitativo entre os diferentes momentos de sua estrutura. Considerando os cortes e interrupções desta parte, sobretudo o discurso escatológico, mantém-se o equilíbrio. Ele parece determinado pela estrutura do fazer poético da narradora e por sua teologia. O mais importante é mostrar Jesus em relação com a vida cristã concreta. Daí a relação íntima entre a vida de Jesus e certos aspectos da vida cristã, sobretudo os sacramentos (penitência, batismo e eucaristia), a vida de oração, a relação fé e vida (perdão dos inimigos, prática da caridade, fugir do mal). Já os textos canônicos dão preferência à vida pública de Jesus, na qual o

Reino se faz presente em atos e palavras. Estes explicam quem é Jesus, o Cristo. Em sua vida humana se vai manifestando a plenitude da revelação de Deus: toda sua existência, seu agir e falar, suas opções frente às diferentes situações, sua morte como resultado de tais opções e de sua entrega absoluta ao Reino e ao Pai, são a manifestação da plenitude do falar e agir de Deus entre os homens⁹. É seguindo as pegadas deste Jesus que se encontra a salvação¹⁰.

Após esta primeira aproximação ao texto de Dona Lauricena, pode-se passar à leitura teológica de alguns de seus aspectos

3. Leitura Teológica da “História de Jesus”

Para uma leitura teológica do texto em estudo, continuar-se-á a proceder por paralelismo com o texto evangélico. Uma leitura contínua de suas três grandes seções possibilitará que emerja o conteúdo cristológico das mesmas.

3.1 O Evangelho da Infância

Aquele belo menino
parece um buquê de flô
(v. 11)

O texto começa com uma data litúrgica, 25 de março, festa da Anunciação. Portanto, sua origem está evidentemente situada: o contexto litúrgico-celebrativo fixado pela tradição eclesial. As estrofes iniciais são o resultado de uma síntese dos textos lucano e mateano: o anúncio a Maria (vv. 1-3); a concepção pelo poder do Espírito Santo (v. 4); o nascimento na gruta de Belém (também com data litúrgica precisa, 25 de dezembro, v. 5); adoração dos anjos (vv. 6-8) e visita dos pastores (vv. 9-11), bem como dos animais (criação, vv. 12-13) e dos magos (vv. 14ss); o prenúncio da perseguição de Herodes (v. 17) e a volta dos magos (v. 21). O verso 22 oferece uma breve reflexão a respeito do “mistério” que envolvia Jesus: “era pequeno mas precisava crescer”. Este “precisava” guarda uma relação direta com o que segue depois: o plano de Deus não pode ser interrompido (v. 23). Portanto, o “precisava” é uma espécie de necessidade divina¹¹, a que os “grandes” não se podem opor, apesar de o tentarem (vv. 33-35).

⁹ Cf. E. SCHILLEBEECKX, *Jesús. La história de un viviente*, Madrid, Cristiandad, 1983, 141-246.

¹⁰ Cf. C. PALÁCIO, *Jesus Cristo: história e interpretação*, São Paulo, Loyola, 1979, 116-121.160-180.

¹¹ No Evangelho de Lucas, esta necessidade divina (*dein*) aparece em vários momentos da narração, dentro de uma perspectiva de cumprimento do desígnio salvífico: cf. Lc 9,22; 13,33; 17,25; 22,37; 24,7.26.44.

Os versos 24-32 e 36-41 apresentam uma espécie de chave hermenêutica em tensão, acerca da infância de Jesus e dele mesmo, relacionadas a esse "mistério": por um lado, "de tudo ele sabia" (v. 24), inclusive "o dia de sua morte" (v. 40); por outro, chorava (v. 28), brincava (v. 27), "tomava bênção" (v. 30), "doía o coração" frente à realidade dos pobres (v. 39). Tal tensão tem sua origem no próprio texto evangélico, que apresenta passagens que levariam a este tipo de interpretação (p. ex. Lc 2,40.52). O "crescer em sabedoria", de que fala Lucas, recebeu uma interpretação exagerada por parte dos Apócrifos e no contexto da interpretação de uma "cristologia descendente"¹², levando a certos tipos de aberração na interpretação do homem Jesus: sua ciência e consciência de tudo. O texto de Dona Lauricena guarda esta tensão, que nos Evangelhos é determinada sobretudo pela leitura da vida de Jesus a partir do mistério pascal. Se aqui a tensão é resolvida favorecendo o lado da ciência e consciência de Jesus, a outra dimensão, sua humanidade, é também apresentada de forma modular: a família vive num clima de profunda alegria e harmonia; os pais trabalham, abençoam o filho; o menino chora, brinca, foge (no episódio do Templo); quando vai crescendo, assume a obediência aos pais, além de visitar os doentes e sofrer por não poder ajudar os pobres (vv. 25-39). É interessante notar que os episódios desconhecidos da vida oculta de Jesus são apresentados com simplicidade, sem os exageros próprios dos Apócrifos. Isso aproxima muito mais ainda o texto de Dona Lauricena do evangélico, que é sua fonte de inspiração.

O Evangelho da Infância é o resultado de um aprofundamento do "mistério" de Jesus. A pergunta cristológica "quem é este?", feita pelos seus contemporâneos a respeito do Jesus pré-pascal, é ampliada para: "de onde ele vem?", "que tem a ver com nossas tradições sobre o Messias?". Perscrutando as Escrituras, as comunidades de Lucas e Mateus, "constroem" as narrações que hoje possuímos¹³. O "Evangelho da Infância" de Dona Lauricena não tem este tipo de preocupação. Apesar de seu parentesco com o texto evangélico, seu contexto gerador é outro. Situa-se num marco litúrgico-celebrativo e está carregado das imagens das festas deste tempo, sobretudo a do Natal. O nascimento de Jesus é apresentado como uma festa de toda a criação: anjos,

¹² O termo "cristologia descendente" é um termo técnico em cristologia. Exprime uma forma de fazer cristologia que prioriza a dimensão do Cristo como Verbo Eterno que se encarnou. Tal cristologia é típica do Evangelho de João e convive, já no Novo Testamento, com uma outra cristologia, a "ascendente", que parte do homem Jesus até chegar ao Cristo, Filho de Deus. As duas são necessárias na reflexão cristológica. O problema é que houve uma acentuação exagerada da cristologia "desde cima", que hoje influencia fortemente o modo de ver e conhecer Jesus Cristo. Cf. B. SESBOUÉ, "Une problématique nouvelle en Christologie". *Études*, août-septembre (1975) 277-299.

¹³ Cf. DANIELLOU, *Os Evangelhos*, e a reflexão exegético-teológica sobre os diferentes episódios do Evangelho da Infância.

homens (pobres e ricos) e animais vêm visitar e prestar homenagem ao Deus-Menino. A infância e a vida oculta são apresentadas como exemplo e modelo de vida para o cristão (v. 25) que, desde a infância, deparando-se com Jesus, poderá seguir seu exemplo: como criança, tomar bênção; como jovem, cuidar da obrigação, visitar os doentes; como adulto, solidarizar-se com os pobres e anunciar o Evangelho. Este Evangelho da Infância já é vida celebrada e vivida pela comunidade que o gera e transmite, como apelo a seguir sendo celebrado e vivido. Traz as marcas de uma tradição profundamente rica e viva. Neste sentido, é mais do que simplesmente busca da origem de Jesus, estabelecida pela pergunta cristológica. Supõe-no conhecido: "é o Filho de Deus, é o filho de Maria" (v. 6). É claro que esta perspectiva é gestada pelos textos de Mt e Lc. Só que lhe é acrescentada toda uma experiência de vida, resultado de séculos de existência e reflexão cristãs. Neste sentido, o Evangelho da Infância saiu enriquecido e enriqueceu o texto bíblico.

Sua presença no macrotexto (uma quinta parte; compare-se com os evangelhos: 1/14 em Mt; 1/12 em Lc) terá sido também determinada pelo contexto gerador: litúrgico-celebrativo e prático. A festa do Natal é, depois da Páscoa, a grande festa cristã¹⁴. O contexto teológico-existencial é determinante na formulação da "História de Jesus" e responsável pela ênfase dada a este tempo de sua vida. O tempo gerador dos textos evangélicos, por outro lado, é determinado, sobretudo, pelos acontecimentos pascais (cf. At 2,36). A experiência teológico-existencial do cristianismo vai aos poucos aprofundando sua reflexão sobre todo o acontecimento Jesus Cristo. Os Evangelhos da Infância foram as primeiras sínteses neste sentido. Posteriormente, o mistério da encarnação do Verbo adquirirá muito mais relevância na reflexão e existência cristãs. A Patrística, sobretudo a oriental, chega a uma síntese admirável, unindo o mistério da encarnação ao mistério pascal como o grande evento salvífico-existencial da humanidade¹⁵. Isso influenciou sobremaneira a liturgia e a vida cristãs. Desta tradição viva se nutriu a narração de Dona Lauricena, determinando-lhe a ênfase teológica dada à infância (e à paixão) de Jesus.

3.2 A Vida Pública de Jesus

Ele fez muitos milagres
que o povo admirava;
por esse mundo afora
cego e coxo ele curava.
(v. 44)

¹⁴ Cf. A. ADAM, *O Ano Litúrgico*, São Paulo, Paulinas, 1982, 121-153.

¹⁵ Cf. GONZÁLEZ-FAUS, *Humanidad*, 207-214.

A vida pública de Jesus começa aos 30 anos (v. 42) e é basicamente povoada de milagres. Jesus não recebe a "investidura messiânica" no batismo de João, como nos Evangelhos¹⁶. Começa sua ação realizando milagres. O mais importante, portanto, ou o mais fácil de gravar na memória eram, para a comunidade geradora deste texto, os milagres ou sinais, a ação poderosa de Jesus. As bodas de Caná, primeiro milagre, são brevemente mencionadas (v. 43) para, depois de um sumário (v. 44), apresentar a cura do cego de nascença (vv. 45-51). É conhecida a importância deste episódio no Evangelho de João. Ele é dominado pela questão do "ver" e do "não ver" (problemática da fé)¹⁷. Também aqui é este o fio condutor. Os termos "cego", "olhos", "enxergar", aparecem muitas vezes. A ênfase neste milagre provém provavelmente - embora talvez inconscientemente - da intenção de alertar para a atitude fundamental diante de Jesus e dos sinais que ele realiza. Sem fé não se tem acesso a ele. É interessante que o cego diz que quem o curou foi o homem "Jesus de Nazaré" (v. 51)¹⁸.

O sumário do verso 52 introduz outra dimensão importante da atividade de Jesus: "levantar os mortos". Os episódios de Lázaro e o do filho da viúva de Naim são narrados brevemente. Também se alude a episódios de curas (hemorroíssa, paralítico, homem da mão seca). O centro da atividade de Jesus é a vida. Com a ênfase nestes aspectos, acentua-se a confiança absoluta de que Jesus é a vida, e por isso, pode dá-la de novo ou libertá-la do que a esmaga: o sofrimento e a morte. Parece tratar-se de um aspecto central na teologia deste escrito.

Do episódio da samaritana não são tiradas todas as conseqüências, como o faz João. A impressão que se tem é de um certo moralismo não explicitado (a questão dos cinco maridos). A parábola do filho pródigo também vira história, como se fosse um episódio da vida de Jesus. É narrada integralmente (vv. 66-75), encerrando com a questão da morte e da vida ("estava morto, reviveu", v. 75), que enlaça com o episódio da filha de Jairo, "levantada" por Jesus (trazida de novo à vida). É interessante notar que nos milagres de reanimação (Lázaro, filho da viúva de Naim, filha de Jairo) seja usado o termo "levanta" ou "o morto levantou". São os mesmos termos utilizados pelos Evangelhos canônicos. Também é interessante perceber a localização dos episódios da samaritana e do filho pródigo entre milagres de ressurreição. Ser chamado de novo à vida, ser levantado, é re-nascer, reviver. De episódios ligados a fatos concretos, a reanimação de cadáveres, chega-se ao centro da questão, o nascer para Deus.

¹⁶ Cf. Mc 1,9-11; Mt 3,13-17; Lc 3,21-22.

¹⁷ Cf. R. E. BROWN, *The Gospel According To John I-XII*, New York, Doubleday, 1966, 369-382.

¹⁸ Haveria aqui, de novo, resquícios da pergunta e da tensão cristológica: Jesus Homem-Deus? De qualquer forma, não deixa de ser interessante a manutenção da tensão, que abre a porta ao "mistério" de Jesus, como nos Evangelhos.

O verso 80 funciona como sumário. Há, porém, um avanço na reflexão. Se até então os milagres eram apresentados como atividade poderosa de Jesus contra as doenças e a morte, além de uma interpe-
lação à fé, agora, no v. 81, é dito claramente que o seguimento supõe algo mais: "renascer de novo". O episódio de Nicodemos dá a base para esse aprofundamento, que culmina com a necessidade do batis-
mo (v. 84). Este se torna a expressão maior do re-nascer, dado pelo seguimento. O último milagre é o da multiplicação dos pães, que antecede o relato da paixão, prenunciado no v. 93.

A vida pública de Jesus é, pois, dominada unicamente por sua atividade poderosa, cuja expressão máxima são os milagres. Os episódios relatados são, em grande parte, tirados do Evangelho de João. Pergunta-se se contêm a mesma teologia que presidem àqueles. Em João, os milagres (sinais) estão em função da revelação do mistério de Jesus (cf. Jo 20,31)¹⁹. Sem dúvida, algo desta intenção está presente no texto de Dona Lauricena. Se no começo o povo ficava admirado por causa de seus milagres (v. 44) ou tinha uma fé dependente dos mesmos (vv. 59.60.80), o processo de aprofundamento da fé vai se radicalizando. Ter fé é acompanhar a Jesus (v. 81), re-nascer ao deparar-se com ele, e entrar na comunidade, fazendo-se batizar (v. 84). Também os Evangelhos possuem algo dessa lógica. Os milagres são interpelação para algo mais, além de serem o testemunho de que o Reino está irrompendo²⁰. As comunidades primitivas foram fortemente marcadas por este aspecto da manifestação de Jesus. Tanto assim que, antes da redação dos Evangelhos, havia coletâneas de milagres, parábolas, palavras, etc, de acordo com o que as comunidades mais "apreciavam" ou valorizavam da vida de Jesus. O texto de Dona Lauricena traz uma interpretação correta dos milagres, mas, na apresentação da vida pública de Jesus, não acentua outras dimensões da manifestação do seu "mistério".

Pelo contrário, em comparação com os Evangelhos canônicos, há ausências notórias nesta parte do texto. Naqueles o Reino de Deus, anunciado em palavras e tornado presente em gestos de poder (milagres) e de estabelecimento de novas relações²¹, é a categoria teológica que dá unidade à atividade de Jesus. Ligado profundamente ao emergir do Reino em atos e palavras, está o chamado dos discípulos e sua formação para a missão: ser sinais e testemunhas da presença do Reino no mundo²². Na "História de Jesus", o termo "Reino de Deus" simplesmente não aparece. Os milagres são a dimensão da atividade de Jesus, que talvez mais impacto produz no ouvinte, seja pelo ato rela-

¹⁹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio de Juan I*, Barcelona, Herder, 1980, 381-394.

²⁰ O próprio Jesus faz a hermenêutica dos sinais que realiza. Cf. Lc 7,18-23; Mt 11,2-6.

²¹ Cf. SCHILLEBEECKX, *Jesús*, 128-141.

²² Cf. PALÁCIO, *Jesus Cristo*. 116-121.160-180.

tado, seja pelo que dele pode ser tirado para a vida da pessoa de fé. Há uma espécie de apelo ao crescimento na fé: de uma fé superficial, baseada em milagres, à adesão pessoal a Cristo, embora esta dimensão apareça com maior clareza na terceira parte do texto.

Quanto aos discípulos, aparecem duas vezes, no momento da multiplicação dos pães. Não se pode afirmar que não sejam importantes aos olhos da narradora. Mas, de qualquer forma, no único momento em que aparecem, estão "admirados, sem saber o que fazer" (v. 88). Num universo religioso em que ser cristão é batizar-se, a dimensão do seguimento, apesar de ser pré-requisito para tal, não é enfatizada com o devido peso que lhe dão os Evangelhos. A ausência dos grandes discursos de Jesus talvez pudesse ser explicada pela dificuldade de assimilação dos mesmos num universo eminentemente simbólico e pouco discursivo. É mais fácil gravar episódios, milagres, e o que deles deriva, do que um discurso ou ensinamento.

3.3 *A morte e a ressurreição de Jesus*

Você diz que é católico,
conta a vida de Jesus,
ele morreu crucificado,
ele morreu numa cruz.
(v. 181)

Esta parte — como já foi observado — ocupa mais da metade do texto (109 estrofes). Uma conclusão apressada poderia atribuir a extensão à propalada identificação do povo com a paixão e morte de Jesus. Porém uma leitura mais detida indicará que nesta secção está contida grande parte da compreensão teológica da narradora. Aqui ela intervém freqüentemente, interrompendo a narração com reflexões de ordem parenética, teológica ou em forma de oração.

3.3.1. *"Esvaziamento" da narração da morte e ressurreição de Jesus?*

O verso 93 funciona como transição: recorda o que a narradora está fazendo (contando a história da vida de Jesus) e anuncia a morte de Jesus²³. A seguir, a autora passa a narrar alguns episódios típicos da noite que antecede a paixão: o anúncio da traição de Judas (vv. 94-97); a traição (vv. 98-100) e a prisão de Jesus (vv. 101-106); Pedro corta a orelha de Malco e Jesus o cura (vv. 107-110); a negação de Pedro (vv.

²³ Haveria que aprofundar mais o que está por detrás do "homem santo que morreu tão inocente", qual a compreensão de santidade e sua relação com a de tantos outros homens santos (cf. acima 3.3.3).

111-119). Estes episódios são narrados pormenorizadamente. Nenhum outro episódio da narração da paixão apresenta tantos detalhes. Os relatos da coroação de espinhos (v. 192), da crucifixão (v. 193), de Maria aos pés da cruz (v. 194), da sede e do vinagre (v. 195) e da morte (v. 196) são todos muito breves. A autora não fala da instituição da Eucaristia na última ceia, nem dos processos condenatórios diante do Sinédrio e de Pilatos. Os episódios da traição de Judas e da negação de Pedro adquirem uma importância muito maior aqui do que nos Evangelhos, onde a ênfase é dada ao processo iníquo da condenação, paixão e morte de Jesus.

O “esvaziamento” do acontecimento central da vida de Jesus é explicado no próprio texto. Após a negação de Pedro, a autora dá uma chave de leitura para o que acontece: “Mas não foi culpa de Pedro[...]. É para dar testemunha que Jesus tinha falado” (v. 120). O “falar” de Jesus é o termo-chave para o que vem depois, o discurso apocalíptico-escatológico. Seu falar é veraz e faz acontecer (v. 121). Pedro fica “desculpabilizado”, e o fato de Jesus ter falado introduz uma nova dinâmica ao texto. Quebra-se a narração e aparecem vários fragmentos de discursos e parábolas de Jesus referentes ao fim dos tempos e à vida cristã. Há como que uma espécie de simbiose entre a iminência da volta de Cristo e a prática da vida cristã. É interessante notar que os Sinóticos colocam o discurso escatológico antes do processo final da paixão e morte de Jesus²⁴. Dona Lauricena procede de modo similar, embora o escatológico esteja dentro do processo da morte de Jesus e a vida cristã se apresente como um viver na iminência do tempo final. Significaria a escatologização da morte de Jesus, como que a irrupção do último e definitivo? Qual sua relação com a existência cristã?

3.3.2. *A vida cristã na vinda de Cristo*

O verso 122 oferece fragmentos do discurso escatológico de Jesus com sabor apocalíptico: os sinais no céu prenunciam a volta de Jesus. A esta volta está ligada a vida do ouvinte (v. 123), que espera. A atitude fundamental é “pôr azeite na lâmpada”, estar vigilante (vv. 124-125). A lâmpada é, ao mesmo tempo, a atitude de vigilância e a adesão pessoal à Lâmpada que é Cristo (v. 126). A vigilância, que se exprime nesta adesão, produz frutos: a caridade, a ajuda ao irmão (v. 127). Esta adquire os mesmos contornos da interpretação mateana do Juízo Final (Mt 25,31ss)²⁵. Estar “ligado à Lâmpada”, que é Cristo, é dar pão a quem tem fome, cuidar do sofredor, alimentar a amizade

²⁴ Cf. Mc 13, Mt 24-25 e Lc 21 (discursos escatológicos) e respectivamente Mc 14, Mt 26 e Lc 22 (processo que culminará na morte de Jesus).

²⁵ Cf. P. BONNARD, *Evangelio según San Mateo*, Madrid, Cristiandad, ²1969, 544-549.

em tempo de aflição (vv. 128-130). Aí, neste contexto, são introduzidos os sacramentos da confissão e da eucaristia (“se a corda arrebenta”, vv. 131-135). O importante, porém, é a atitude fundamental: confiar no Cristo e buscar sempre a conversão (v. 134). O Espírito Santo é invocado neste momento, para que a “livre do mal” (v. 136) e a ajude a estar sempre “ligada” nesta Lâmpada²⁶. Também é apresentada a necessidade de orar sempre (v. 137), de novo reiterada nos vv. 144-145, para alcançar o que pede: não ser pego de surpresa quando ele voltar.

Este entrelaçamento entre a iminência da vinda de Cristo e a vida do cristão continua presente em todo o desenrolar do texto. Assim, recordando a criação (v. 140) como dádiva do amor de Deus, coloca-a também sob a iminência do fim: “Jesus vai voltar um dia”. Quando será? “Só o Pai que está no céu sabe” (v. 143). A tensão é mantida em toda a secção. Novos fragmentos de outros discursos são acrescentados ao texto: a relação de Jesus com o Pai (vv. 146-147); a ordem a Pedro para que apascente as ovelhas (v. 149), ligada a um fragmento que fala do rebanho de Cristo (v. 148); o anúncio da paixão-ressurreição, ligado à destruição do Templo (no texto, o “palácio de um rei”, vv. 150-151).

Os versos 152-156 apresentam toda uma reflexão teológica sobre o Espírito Santo. É identificado como “professor” que ensina o caminho e aumenta o amor. Também é assumido como “protetor” que livra dos inimigos e do mal. A imagem do perfume da flor é de fina delicadeza e altíssima poesia. O perfume da flor é remédio que dá vida a quem faz o bem, veneno que mata a quem faz o mal (cf. 2 Co 2,15s). Há uma coincidência profunda com a intuição bíblica do Espírito, identificado com o sopro que dá vida e como aquele que recorda e torna presente Jesus, além de ser o advogado dos discípulos, que os defende e protege em tempo de perseguição²⁷. A evocação do Espírito como “remédio”, “professor”, “protetor” e doador do amor corresponde plenamente à pneumatologia neotestamentária. Quem se deixa conduzir pelo Espírito, evita o mal, cresce no bem e receberá como recompensa o céu (vv. 157-160).

A partir do verso 161 há um ensinamento sobre como rezar o Pai-nosso, que culmina no perdão. O perdão que Jesus deu ao bom ladrão é recordado como fundamentação bíblica para provar a necessidade de perdoar os irmãos. Ao mandamento do perdão está ligado o do amor fraterno (v. 168). Enfim, tudo se entrelaça numa espécie de amálgama entre vida e vinda de Cristo e vida cristã.

²⁶ É interessante notar aqui a ligação que existe entre o Espírito e sua maneira de atualizar Jesus, na existência praxica de fé.

²⁷ Cf. o verbete “Espírito”, MCKENZIE, *Dic. Bíblico*, 303-308.

O verso 170 retoma outra vez o discurso escatológico, assumindo agora a dimensão do julgamento. Jesus vem como um relâmpago para julgar. O mais importante é ter um coração limpo para entregá-lo a Jesus, recebendo assim a salvação (vv. 175-176). Quem não tem o coração limpo, há que buscar o perdão de Deus, dado pelo sacramento da penitência (vv. 177-179). O padre é o ministro do perdão e pode ligar e desligar (v. 177). Manter o coração limpo é construir um sacrário para guardar a hóstia viva (v. 180).

O verso 181 dá, ao mesmo tempo, a chave de interpretação de todo o texto, e leva de volta ao relato da paixão. É chave de interpretação de todo o texto, porque oferece um critério para o ser cristão: "contar a história de Jesus", que foi crucificado e "morreu numa cruz". A retomada do relato da paixão é feita de forma sintética. Aí é proclamado o centro da pregação cristã, o querigma: morte na cruz, ressurreição, ascensão, glorificação junto ao Pai (v. 182)²⁸, prolongada na descrição da visão beatífica (v. 183s). Esse Jesus glorificado está presente junto à comunidade na eucaristia (v. 185). Sua volta é, de novo, lembrada (v. 188); a necessidade da confissão e do perdão dos irmãos é reiterada (v. 189). Os vv. 190-191 são como que a autenticação das palavras da narradora. Suas palavras são também "Palavra de Deus" porque foram semeadas em seu jardim pelos anjos do céu.

O verso 192 retoma os momentos finais da paixão: a coroa de espinhos; a crucifixão e o derramamento de todo o sangue para o perdão dos nossos pecados; Maria aos pés da cruz vendo seu filho morrer pelos pecadores; Jesus que pede água e lhe dão vinagre; a morte. Porém, ele continua vivo, pois ressuscitou e está no meio de nós (v. 197). Da mesma forma que cumpriu sua missão (sofrer dor, v. 199), ajuda a cumprir a nossa: sofrer dor, carregar a cruz e vencer com ele, ganhando a salvação (v. 200). Ganhar a salvação é reconhecê-lo e confessá-lo Senhor de si próprio, do mundo e do universo inteiro. É neste clima de confissão de fé que Dona Lauricena conclui sua "História de Jesus"²⁹

²⁸ É a mesma estrutura das primeiras pregações (cf. Lc 24,6-8; At 2,22-36; 3,13-15; 1 o 15,3-8, etc). O termo "querigma" (= anúncio) exprime a experiência primigênia dos acontecimentos pascais em sua relação com a comunidade que reconhece Jesus vivo em seu meio e por isso anuncia este acontecimento.

²⁹ A confissão de fé é o resultado final de um processo de anúncio da Boa Nova. É assumir o que foi narrado como acontecendo aqui e agora na vida do crente. A esta ação soteriológica, o crente responde confessando Jesus como Senhor, Salvador, Libertador (cf. Jo 20,28; At 4,4; 10,36; 11,17).

3.3.3 *Compreensão escatológica da morte-ressurreição de Cristo em relação com sua vinda e a vida do cristão.*

É muito grande a riqueza teológica desta secção. Nela há toda uma teologia da vida cristã em conexão íntima com os acontecimentos finais da morte, ressurreição e glorificação de Jesus, interpretados em chave escatológica. Será interessante perguntar de onde provém este esquema. Em princípio, o Evangelho é o texto gerador, mas, até que ponto a tensão escatológica está nele tão presente?

É sabido que as comunidades primitivas guardavam a tensão escatológica em forma extremada (cf. 1 Ts 4,13 - 5,11)³⁰. A espera da parusia (segunda vinda de Cristo) chegava a ameaçar o cotidiano da vida das comunidades. Paulo precisou intervir na comunidade de Tessalônica e pedir que os cristãos prosseguissem sua vida normal. O Senhor vem, mas há que ir vivendo a vida nova diante da salvação recebida (cf. 1 Ts 5,4-11). Os Evangelhos Sinóticos, sobretudo Mc e Mt, ainda mantém esta escatologização da vida cristã. Basta lembrar os discursos escatológicos que precedem a narração da paixão. Há um paralelismo entre o discurso escatológico e o processo da paixão e morte de Jesus. Os "sinais no céu" acontecem na hora da morte de Jesus, bem como muitos dos sinais e acontecimentos prenunciados no discurso que antecede a paixão³¹. A tensão escatológica é forte e está no centro da interpretação da morte de Jesus e da vida cristã. Em Lucas, esta tensão é diminuída. Ele cria a categoria de "história da salvação" e, de certa forma, desescatologiza a vida cristã, dando mais espaço para a história³².

Essa perspectiva das primeiras comunidades dá uma pista para o processo narrativo construído por Dona Lauricena ao contar a paixão. Apesar de haver resquícios de elementos da pregação recebida pela autora, ela consegue uma fidelidade impressionante aos textos evangélicos primitivos. Consegue ligar a vida cristã e a escatologia, ao fato escatológico por excelência, que é a morte e ressurreição de Jesus.

Esta morte "de um homem santo que morreu tão inocente", é a morte do Justo, do Servo Sofredor que resgata a multidão³³. Por ela se compreende a Palavra definitiva, dita por Deus à humanidade. Acei-

³⁰ Cf. J. B. LIBÂNIO - M. C. L. BINGEMER, *Escatologia cristã*, Petrópolis, Vozes, 1985, 57-58.

³¹ Mc 15,33 em par. com Mc 13,24 (sinais no céu). O mesmo em Mt 27,45 com Mt 24,29. Em Mt 27,51-53 a terra treme, os mortos ressuscitam (sinais evidentes do cumprimento do final dos tempos).

³² H. CONZELMANN, *El centro del tiempo. La teología de Lucas*, Madrid, Fax, 1974, 139-196, sobretudo, 195-196.189-191.

³³ Cf. os quatro cânticos do Servo de Javé, no Dêutero-Isaías (Is 42,1-4.5-9; 49,1-6; 50,4-9.10-11; 52,13-53,12), sobretudo o último.

tando a morte do Justo, seu Filho, Deus condena e vence a morte. A ressurreição, por sua vez, manifesta a plenitude desta ultimidade reveladora do plano salvífico de Deus. É, pois, este o núcleo fundamental que dá a chave de aproximação e interpretação da vida de Jesus. Ilumina-a, tornando-a transparente a quem dela se aproxima pela fé. É também o acontecimento último e definitivo para a existência dos que se aproximam deste “mistério” totalmente dito. Traz também consigo, por isso, a exigência de viver inteiramente em outro *eón*, a vida escatologizada. A compreensão de que o cristão está inserido em Jesus, vai adquirindo cada vez maior densidade e profundidade. As primeiras comunidades vivem ainda à espera da “segunda vinda”, que as faz radicalizarem na compreensão da vida cristã. O “vigiai”³⁴ soa como advertência para algo que ocorrerá em breve e de forma inesperada.

Do dito até agora, pode-se concluir que o texto de Dona Lauricena mantém uma profunda ligação com o texto evangélico no tocante à escatologização da morte-ressurreição de Jesus. Se a autora valoriza, na parte narrativa, episódios periféricos da narração da paixão, coloca-os, no entanto, em relação direta com o sentido da paixão-ressurreição de Jesus. A quebra da narração visa a levar o ouvinte a colocar-se diante deste fato tão fundamental para sua vida: o acontecer escatológico da morte-ressurreição de Jesus é o último e definitivo a interpelá-lo, como algo que vem. O ouvinte é questionado em sua existência prático de fé. Há que estar preparado, vivendo em tensão, porque ele vem. Da mesma forma que Pedro ou Judas pensavam estar preparados e o primeiro o negou, o segundo o traiu, também o cristão tem que assumir, em sua vida, o “mistério” da vida de Cristo. Tem que estar atento para não negar ou trair esta Lâmpada existencial de sentido.

4. Em Busca de Uma Nova “História de Jesus”

Antes de aprofundar no aprendizado desta forma de anunciar Jesus Cristo, é preciso explicitar algo mais o ambiente teológico que possibilitou seu surgimento.

4.1 O Evangelho como texto gerador de sentido

Toda esta exposição teve como horizonte de diálogo o texto e a teologia dos Evangelhos canônicos, partindo do pressuposto de que este foi o processo seguido por Dona Lauricena. Num ambiente religioso onde falam os símbolos, o ver e o ouvir são fundamentais. São

³⁴ Cf. Mc 13,33.37 e Mt 24,42; 25,13 (conclusão do discurso escatológico).

forjadores de toda uma forma de pensar e viver. Dona Lauricena ouviu muitas vezes, nas liturgias, festas, procissões, pregações e novenas de que participou, textos e fragmentos que relatavam a vida de Jesus. Também deve ter ouvido muitas outras pessoas narrarem tais episódios, porque sua cultura é eminentemente narrativa. Deste “poço”, bebeu e aprendeu a vida de Jesus. Dele buscou haurir valores e experiências vitais para sua existência de fé. As narrações evangélicas forjaram seu horizonte de sentido.

Reconhecendo a importância da “vida de Jesus”, Dona Lauricena encarregou-se de transmitir ela mesma a história da vida do Salvador, daquele que se manifestou como presença definitiva do Pai, sua Palavra entre os homens. A vida de Jesus deve plasmar a vida cristã. Num horizonte simbólico eminentemente católico e de cristandade³⁵, a vida de Jesus gera e regula o sentido da vida. É também exemplar para quem se defronta com ela, tornando-se “modelo” a ser assimilado. O cristianismo instaura as normas de conduta e seus valores básicos. A grandeza do texto de Dona Lauricena é conseguir manter a proximidade com os Evangelhos naquilo que eles têm de mais central e fecundo: ser a narração contínua e estruturada do “mistério” da vida de Jesus. Nesta estruturação, também entraram a vida, os valores e os apelos do tempo em que vivia a autora, sobretudo a primeira metade do séc. XX. Daí a necessidade de caracterizar em largos traços a pregação desse tempo, tão presente no texto estudado, apesar de a autora ter sido capaz de dar primazia ao texto evangélico na construção do sua “História de Jesus”.

4.2 A vida cristã do início do século XX como contexto gerador de sentido

O catolicismo brasileiro do início deste século foi marcado profundamente pela assim chamada “romanização”. Por obra das ordens missionárias européias (sobretudo redentoristas e lazaristas), inicia-se e consuma-se no país o processo de assumir os decretos do Concílio de Trento³⁶. Um catolicismo antes basicamente fundado na devoção aos santos, nas promessas, no culto à Virgem Maria, onde a assim

³⁵ O termo “cristandade” é utilizado aqui em seu significado histórico-sociológico, ou seja, como correspondendo ao período histórico em que a Igreja e a sociedade católica se identificavam. Propriamente falando, corresponderia mais à Idade Média. Porém, somente neste século, com a vitória da subjetividade em todos os campos do pensar e agir, é que a cristandade ruiu definitivamente.

³⁶ Cf. R. AZZI, “Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador”, *Perspectiva Teológica* 18 (1986) 215-233. 243-258. Neste artigo o autor mostra os diferentes tipos de devoções a Jesus e as teologias subjacentes a elas. Cf. também, sobre este período: P. RIBEIRO DE OLIVEIRA, *Religião e dominação de classe*, Petrópolis, Vozes, 1985, 275-315.

chamada “religiosidade popular” dava o tom³⁷, é convocado a uma “atualização”. Esta, no que se refere à vida cristã, consistiu basicamente na reafirmação de certas práticas mais ligadas à presença do sacerdote, sobretudo a eucaristia e a confissão. As missões populares tornaram-se meios mais eficazes de transmissão desta “nova evangelização”³⁸.

No texto de Dona Lauricena é forte a insistência na necessidade da confissão, também ligada à recepção da Eucaristia (vv. 132-133.177-179.185.189). Mas não alude aos outros sacramentos, a não ser ao batismo. É interessante notar também a insistência no perdão aos inimigos (vv. 161-167.189), tema típico da pregação deste tempo.

Porém, apesar destes temas terem certo peso no texto, não determinam o desenvolvimento do mesmo. O decisivo nesse respeito é o sentido profundo do ser cristão: estar frente a Jesus Cristo, sua vida e a iminência de sua volta. No fundo, o amálgama produzido entre a vida de Jesus e a vida da comunidade respeita também profundamente o processo ocorrido na redação do texto evangélico.

4.3 Aprendendo da “História de Jesus”

A “História de Jesus” de Dona Lauricena apresenta evidentemente muitas lacunas. O objetivo deste estudo não era aprofundá-las, mas simplesmente mostrar o vigor, na forma e no conteúdo, deste jeito de *propor a vida de Jesus e a vida cristã*. O texto de Dona Lauricena adquire para nós, neste fim de século, um valor paradigmático, seja do ponto de vista do método (narrativo), seja, sobretudo, do conteúdo. Colocar Jesus e sua história como centro de uma catequese narrativa é o grande desafio imposto a quem busca uma nova evangelização. Já os primeiros cristãos o tinham percebido, como o testemunham as quatro narrações do evento Jesus Cristo, conservadas nas Escrituras canônicas e que ainda hoje interpelam a criatividade dos cristãos. Porém há que avançar não somente no método teológico, mas ir mais a fundo na apresentação de Jesus para o mundo de hoje. É preciso ter a ousadia e o vigor de apresentá-lo com “renovado ardor missionário”³⁹, como aquele que adquiriu para nós caráter de definitividade e que é o sentido de nossa vida. Falar e narrar a história deste Jesus é falar e narrar a história de quem o experimenta como dador último de vida

³⁷ Cf. R. AZZI, *O catolicismo popular no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1977. Id., *O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*, Petrópolis, Vozes, 1978.

³⁸ O termo “nova evangelização” é usado aqui impropriamente. Pertence à linguagem de João Paulo II em sua busca de novos caminhos para a evangelização neste final de século.

³⁹ Cf. o objetivo geral para a ação pastoral da Igreja no Brasil para o período de 1991-1994: *Documentos da CNBB 45*, São Paulo, Paulinas, 1991, 14.

em plenitude, o outro *éon* presente já neste *éon*. Só assim ele adquirirá força de evento salvífico interpelante para um tempo carente de sentido e ansioso por adquiri-lo.

Unir a vida de Jesus e a vida cristã, com as "alegrias e esperanças, tristezas e angústias" de nosso tempo (GS 1) é o grande desafio desta forma teológica de construir uma "História de Jesus". Dona Lauricena, com seu jeito poético-narrativo, conseguia interpelar e transmitir sua experiência de Jesus. Seus ouvintes podiam aceder ao "mistério" da fé. Havia um trânsito natural de horizontes. Como, num universo simbólico dilacerado e que não mais se compreende teologalmente, construir uma "História de Jesus"? Está aberto o caminho para nosso tempo escrever sua própria "História de Jesus", o quinto Evangelho.

Conclusão

"Contar histórias", narrar o caminho de Jesus, em sua articulação com a vida cristã, apresenta-se-nos como um grande veio teológico-pastoral. Haveria que aprender muito mais desse jeito teológico de apresentar a fé cristã num horizonte sócio-cultural e eclesial em profunda mudança. A "História de Jesus" aqui analisada poderá servir de paradigma e tornar-se um apelo ao aprendizado dessa tarefa teológica e da escuta da teologia do povo de quem queremos estar a serviço.

Dona Lauricena foi uma grande anunciadora do Jesus que vivia nela pelo poder do Espírito. Fez o que tantos fizeram no decorrer da história da Igreja. Fê-lo de maneira simples, usando a linguagem dos que pertenciam a seu universo simbólico. A análise mostrou como conseguiu manter uma fidelidade admirável ao texto gerador de todo sentido que é o evangélico. Articulou profundamente a vida de Jesus com a vida dos homens e mulheres de sua comunidade narrativa. Pode-se dizer que conseguiu transmitir Jesus acontecendo no seu hoje histórico-existencial. O Cristo que ela anuncia é o Cristo que experimenta como sua razão de ser e existir. Sua história não é uma história qualquer. Jesus acontece de novo. Sua narração lembra aquele episódio que Martin Buber conta para afirmar que na própria narração acontece o narrado:

Pediram a um rabi, cujo avô fora discípulo de Baalschem, para contar uma história. Uma história, disse ele, deve-se contar de tal modo que ela própria seja ajuda. E narrou: "O meu avô era paraplético. Uma vez pediram-lhe para contar uma história do seu mestre. Então ele contou como o Santo Baalschem ao rezar costumava dançar e saltar. Meu pai levantou-se e contou; e a narração arrebatou-o de tal maneira, que ele tinha de mostrar, saltando e dançando, como o mestre

o tinha feito. A partir dessa hora ele estava curado. Assim se devem contar histórias”⁴⁰.

Esta parábola expressa o que se poderia aprender de Dona Lauricena. A forma teológica de anunciar Jesus desta humilde mulher do povo ajuda a peregrinar por um caminho fecundo, já trilhado por tantos cristãos, catequistas, pastores, poetas. Há que redescobrir esta “unção” do contar histórias, há que forjar, de novo, a História de Jesus na história presente. Para isso, é preciso escutar. Escutar aqueles a quem se quer anunciar a Boa Nova. Escutar para compreender em que universo de sentido eles e nós nos movemos, e assim encontrar a linguagem adequada para continuar falando de Jesus, anunciando seu caminho nos caminhos da humanidade, construindo sua história no amálgama da história das comunidade que acedem a Jesus pela fé.

Geraldo Luiz De Mori S.J. é licenciado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (Belo Horizonte-MG) e bacharel em teologia pela Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte-MG). Atualmente integra a equipe do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social)

Endereço: Rua Aristides Novis, 101 — 40210-630 Salvador-BA

⁴⁰ M. BUBER, *Werke III*, Munique 1963, 71, citado por J. B. METZ, *A fé*, 242.